

UMA ANÁLISE HIPERTEXTUAL DO LIVRO NADA NA LÍNGUA É POR ACASO: POR UMA PEDAGOGIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Ana Isabel Ferreira de Magalhães (Especialista)
Analice de Oliveira Martins (Doutora)

Resumo :O livro impresso tem passado por mudanças e sido submetido a olhares diversos ao longo de sua história. Nesse sentido, este ensaio apresenta uma reflexão acerca dos processos do modo de escrita assim como os modos de leitura, a partir da influência hipertextual no contexto contemporâneo. Para tanto, utiliza-se como lugar teórico o livro *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*, de Marcos Bagno, acreditando ser um exemplo de nova forma de escrita de texto teórico e, conseqüentemente, contribuindo para a formação de um novo leitor. Neste ensaio, interessa-nos o olhar para as mudanças ocorridas em relação aos aspectos organizacionais do livro impresso e as implicações que elas têm trazido para uma nova forma de leitura. O objetivo deste ensaio é identificar no livro de Bagno exemplos de hipertexto e ainda destacar a mudança da forma de escrever e os processos de leitura e atualização por parte do leitor.

Palavras-chave: Leitura. Leitor. Hipertexto.

Hypertext AN ANALYSIS OF THE BOOK IN TONGUE IS NOTHING BY CHANCE: for a pedagogy of language variation

ABSTRACT: The printed book has undergone changes and been subjected to various looks throughout its history. Thus, this essay will present a reflection on the processes of writing mode as well as the modes of reading from hypertext influence in the contemporary context. For both, is used as theoretical place to Mark Bagno "Nothing in the language is a case: for a pedagogy of language variation" believing it to be an example of a new form of writing of theoretical text and thus contributing to the formation of a new reader. In this essay, we are interested in looking for changes in relation to the organizational aspects of the printed book and the implications that this has brought a new way of reading. The purpose of this essay is to identify the book Bagno examples of hypertext and also highlight the changing way of writing and reading processes and updated by the reader.

Keywords: Reading. Reader. Hypertext.

1 INTRODUÇÃO

A inserção das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) na vida cotidiana dos cidadãos é um evento marcante porque reordena o modo como o homem se relaciona na sociedade.

No bojo das TICs, o hipertexto se destaca sobremaneira tanto por sua funcionalidade quanto por sua difusão, à medida que se tem constituído em um instrumento cada vez mais utilizado na veiculação de informações e na construção de espaços dialógicos de comunicação.

Nesse sentido, este ensaio apresenta uma reflexão acerca dos processos do modo de escrita assim como os modos de leitura, a partir da influência hipertextual no contexto contemporâneo. Por isso, levanta-se a seguinte **questão-problema**: como essas mudanças intervêm nas formas de escrita e leitura e quais as suas consequências para a formação de um leitor com gestos e práticas de leitura hipertextual? Em face disso, foi utilizado como **objeto de estudo** deste trabalho o livro de Marcos Bagno *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*, acreditando ser um exemplo de nova forma de escrita de texto teórico e, conseqüentemente, contribuindo para a formação de um leitor hipertextual.

Este trabalho parte da hipótese de que os processos criativos de leitura e modos de escritas que ocorrem na atualidade sofreram modificações em consequência das tecnologias de informação, tanto pelo fato de o escritor utilizar novas estratégias de escritas, como pelo fato de haver surgido um novo perfil de leitor. Neste ensaio, interessa-nos o olhar para as mudanças ocorridas em relação aos aspectos organizacionais do livro impresso e as implicações que elas têm trazido para uma nova forma de leitura.

Ou seja, interessa-nos analisar o livro, particularmente o de Bagno, como um objeto hipertextual, numa perspectiva de texto como hipertexto, que põe em cena um novo leitor. Este ensaio tem como objetivo identificar aspectos no livro de Bagno como exemplos de hipertexto e ainda destacar a mudança da forma de escrever e os processos de leitura e atualização por parte do leitor.

REVISÃO LITERATURA

Informações sobre o livro

O livro *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*, de Marcos Bagno, teve sua 1ª edição em fevereiro de 2007 e está em sua 4ª reimpressão (2012). O livro faz parte de uma coleção intitulada “Educação Linguística”, composta de sete títulos de autores variados. Segundo Bagno, “o livro não sofreu nenhuma alteração desde sua 1ª edição”. Na descrição exposta no *site* da editora *Parábola*, o livro é “dirigido a professores em atuação e em formação, autores de material didático, gestores da educação, estudantes de Letras e de Pedagogia, jornalistas e comunicadores em geral”. *Nada na língua é por caso: por uma pedagogia da variação linguística* apresenta e discute, de maneira clara e acessível, os principais conceitos da sociolinguística com embasamento teórico esclarecedor e “com reflexões solidamente apoiadas nos postulados da sociolinguística e da sociologia da linguagem - as duas disciplinas que lidam com o fenômeno da variação e da mudança linguísticas e suas consequências sociais, culturais, políticas e pedagógicas”.

Neste ensaio, o livro de Bagno é analisado numa perspectiva de texto como hipertexto, que põe em cena um novo leitor, pois, ao lê-lo, o leitor poderá selecionar, combinar e executar os itens de informações que o fazem constituir-se como hipertexto. Segundo Lévy, ao ler um texto podemos dar a ele um sentido novo, pois “podemos desobedecer às instruções, tomar caminhos transversais, produzir dobras interditas, estabelecer redes secretas, clandestinas, fazer emergir outras geografias semânticas” (LÉVY, 1996, p. 36). Segundo Marcos Marcionilo, editor do livro de Bagno, “toda a criação do livro foi feita pelo autor. A editora aprovou o projeto e começou a intervir na produção gráfica do livro. Por isso, o *copyright* do texto é do autor e o *copyright* do livro como produto gráfico é da editora”.

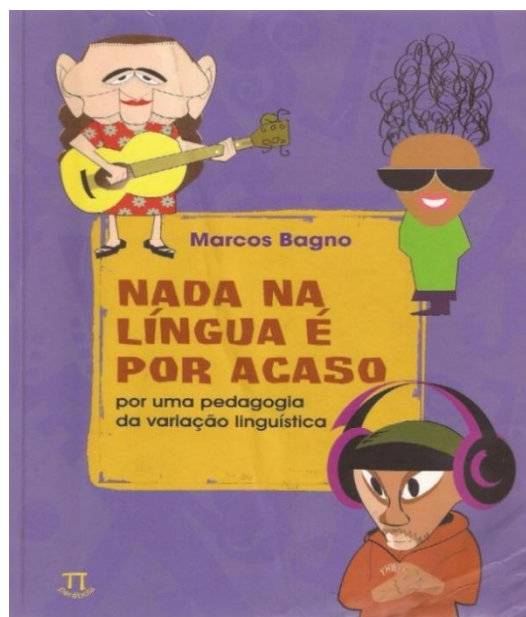


Figura 1: Capa do livro *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*

Diferentes formas de escrita e leitura

O livro impresso tem passado por mudanças e sido submetido a olhares diversos ao longo de sua história. Marcuschi diz que “o livro, na forma como o conhecemos hoje, é um espaço de escrita desenvolvido há menos de 1.000 anos e na sua forma impressa tem cerca de 500 anos. Antes disso, era a parede das cavernas, o papiro, os códex, as tabuinhas, etc. o suporte dos textos escritos” (MARCUSCHI, 2001, p. 81). Podemos observar que o avanço tecnológico das mídias computacionais influenciam os formatos textuais e fazem com que os livros impressos assumam uma feição diferente na atualidade. Soares diz que existe uma relação muito estreita “entre o espaço físico e visual da escrita e as práticas de escrita e de leitura” (SOARES, 2002, p. 149) e explica que:

O espaço da escrita relaciona-se até mesmo com o sistema de escrita: a escrita em argila úmida, que recebia bem a marca da extremidade em cunha do cálamo, levou ao sistema cuneiforme de escrita; a pedra como superfície a ser escavada serviu bem, num primeiro momento, aos hieróglifos dos egípcios, mas, quando estes passaram a usar o papiro, sua escrita, condicionada por esse novo espaço, foi-se tornando progressivamente mais cursiva e perdendo as tradicionais e estilizadas imagens hieroglíficas, exigidas pela superfície da pedra. (SOARES, 2002, p.149).

Ao abrir o livro *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*, deparamo-nos com uma multiplicidade de formas de dizer. Isso porque recursos tornados possíveis com a escrita do computador passaram a fazer parte de outros textos: notas laterais, boxes diversos, quadros, *links*, figuras e tantos outros não são mais restritos à escrita midiática. Esses recursos estão presentes nas várias páginas do livro. Para Soares, “o espaço de escrita condiciona, sobretudo, as relações entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto” (SOARES, 2002, p.149).

No livro abordado, podemos destacar aspectos que configuram a hipertextualidade, caracterizando-se realmente como um retrato do hipertexto eletrônico. As separações textuais que condensam em si textos particulares, além de *links*, muito se assemelham ao modo de escrita do ambiente digital. O leitor poderá escolher seu modo de leitura: por exemplo, ler o texto de maneira contínua sem consultar as notas, ler ou consultar separadamente os recursos presentes, ler apenas o que mais lhe interessar ou mesmo não ler nenhuma nota. Segundo Marcuschi, “a ordem das informações não está dada na própria estrutura da escrita” (MARCUSCHI, 2007, p.147). Koch entende que:

O texto, assim constituído, é dinâmico, está sempre por fazer. Isto implica, por parte do leitor, um trabalho contínuo de organização, seleção, associação, contextualização de informações e, conseqüentemente, de expansão de um texto em outros textos ou a partir de outros textos, uma vez que os textos constitutivos dessa grande rede estão contidos em outros e também contêm outros. (KOCH, 2007, p. 24)

Soares explica-nos que:

A extensa e contínua superfície do espaço de escrita no rolo de papiro ou pergaminho impunha uma escrita e uma leitura sem retornos ou retomadas. Já o texto nas páginas do códice tem limites claramente definidos, tanto a escrita quanto a leitura podem ser controladas por autor e leitor, permitindo releituras, retomadas, avanços, fácil localização de trechos ou partes; além disso, o códice torna evidente, materializando-a, a delimitação do texto, seu começo, sua progressão, seu fim, e cria a possibilidade de protocolos de leitura como a divisão do texto em partes, em capítulos, a apresentação de índice, sumário. (SOARES, 2002. p. 150)

Segundo Martins, “novos procedimentos narrativos exigem também formas diferentes de leitura” (MARTINS, 2011, p.166). Tal pensamento se afina com o de Zilberman, segundo o qual “experiências de vanguarda propuseram outras

instruções ao leitor (...)” (ZILBERMAN, 2001, p. 107). A autora considera também que o leitor “é encarado na condição de sujeito histórico, passível de transformação e adequação em virtude das mudanças sociais e tecnológicas” (op. cit. 2001, p. 85). Umberto Eco conclui que “os leitores empíricos podem ler de várias formas, e não existe lei que determine como devem ler, porque em geral utilizam o texto como um receptáculo de suas próprias paixões, as quais podem ser exteriores ao texto ou provocadas pelo próprio texto” (ECO, 2004, p. 14).

A partir dessas considerações, podemos concluir que o hipertexto não se restringe apenas ao texto eletrônico, mas a qualquer texto que possibilite leituras que extrapolam o próprio texto, independentemente do suporte em que se encontre. Assim, é possível considerar o livro de Bagno como um hipertexto, pois se trata de “uma matriz de textos potenciais” (LÉVY, 1996, p. 40), em que o leitor, por meio das escolhas que faz, produz uma nova e diferente leitura. Deste modo, podemos compreender tal livro como uma rede hipertextual em que seus itens de informações encontram-se dispostos como um objeto multifacetado com relação às linguagens e que põe em cena uma nova prática de leitura.

O Hipertexto

Segundo Marcuschi, “o termo hipertexto foi cunhado por Theodor Holm Nelson em 1964, para referir uma escritura eletrônica não-sequencial e não-linear, que se bifurca e permite ao leitor o acesso a um número praticamente ilimitado de outros textos a partir de escolhas locais e sucessivas, em tempo real” (MARCUSCHI, 2007, p.146). Desta forma, o leitor tem condições de definir o fluxo de sua leitura a partir de assuntos que o fazem buscar outros temas, de forma ágil e dinâmica, o que nos leva a entender que o sentido de um texto é móvel e não fixo. Para Villaça, “os hipertextos servem para interromper o fluxo de leitura através de redes remissivas interligadas, os *links*, e para conduzir o leitor a um vertiginoso delírio de possibilidades” (VILLAÇA, 2002, p. 107). É justamente esse tipo de leitura que encontramos no livro de Bagno. Se seu livro *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística* tivesse circulação pela internet, poderíamos selecionar algumas palavras-chave - a exemplo do termo “helenismo” (p. 62), ou um

enunciado como “Infelizmente, essas inovações linguísticas também continuam sendo alvo de outro tipo de abordagem, nada científica dessa vez, e consistente apenas com uma ideologia linguística obscurantista e preconceituosa: o ataque dos defensores (...)” (p. 156) -, marcá-las como *links* (ligações eletrônicas) e pular diretamente para a caracterização linguístico-discursiva do tema proposto. Ao leitor, caberia posicionar o cursor do mouse sobre o *link* e seguir (ou não) a indicação marcada para leitura. Entretanto, não há os recursos do suporte material, pois estamos tratando de um texto impresso, mas há, neste caso, um grande número de notas explicativas tão eficientes quanto os *links*. De acordo com Lévy, “desde suas origens mesopotâmicas, o texto é um objeto virtual, abstrato, independente de um suporte específico. Essa entidade virtual atualiza-se em múltiplas versões, traduções edições, exemplares e cópias” (LÉVY, 1996, p. 35).

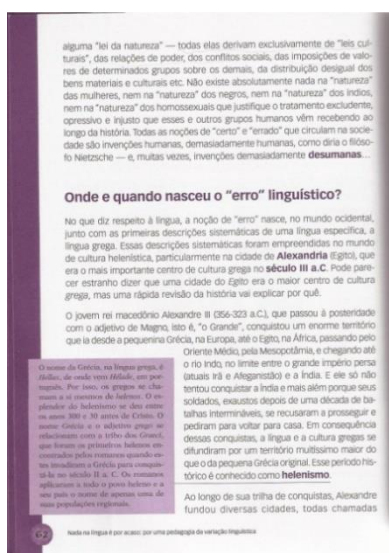


Figura 2: Exemplo de notas explicativas (p. 62)



Figura 3: Enunciados que funcionam como *links* (p. 156)

Torna-se relevante valer-se das questões de Deleuze; Guatarri, quando abordam o 4º Princípio da Ruptura na obra *Mil Platôs*: “Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas” (DELEUZE; GUATARRI, 1995, p. 18). Isto porque, quando o leitor é crítico, voraz, ele enxerga um texto como uma arena de vozes e atualiza sua leitura, mas volta a virtualizar suas informações, problematizando-as. Como afirma Lévy: “(...) o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização” (LÉVY, 1996, p. 16).

O leitor escrito

Tudo o que vem sendo discutido até aqui intervém nos gestos de leitura e lança questões para os estudos nesta área, especialmente no que se refere à formação de um leitor com olhar amplo que consiga interagir com um objeto “plurilinear”, como o livro de Bagno, que busca diferentes linguagens, diferentes olhares, com diferentes formas de expressão do conhecimento. Ao folhear o livro de Bagno, deparamo-nos com uma multiplicidade de formas de dizer, e a distribuição desta heterogeneidade textual mobiliza recursos formais e tipográficos, com tipos e cores de fontes diferenciados, além das ilustrações que criam um fundo, um contexto para o que está sendo apresentado.

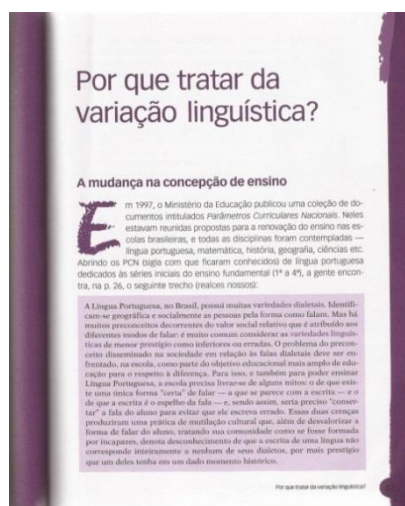


Figura 4: “Por que tratar da variação linguística?” (p. 27)

O livro em análise pode ser visto numa perspectiva hipertextual pela heterogeneidade que se virtualiza ao seu redor, pois este objeto permite não apenas visualizar a heterogeneidade material que lhe é constitutiva, mas inferir as diversas possibilidades que suas páginas podem materializar. Nesse sentido, “o leitor pode libertar-se da obrigatoriedade do linear” (VILLAÇA, 2002, p.108). No capítulo intitulado “Por que tratar da variação linguística?” (p. 27), podemos ver nas páginas 28 e 29 algumas notas explicativas que tratam do tema, visando elucidar dentro da linguística o termo “Sociolinguística”, além de informar o leitor sobre questões mais atuais, como, por exemplo, estatísticas e indicação de livro para leitura. O visual das ilustrações é complementado pelo verbal (ou vice-versa), que se dispõe em plaquinhas ou quadros ancorados em diferentes pontos do hipertexto. Além disso, há o jogo de cores que funciona como um atrativo a mais. O leitor poderá escolher seu modo de leitura e traçá-la da forma que preferir, criando, assim, em cada “nota” ou *link*, seu próprio hipertexto. Conforme diz Villaça, “através de *links* que ligam passagem do livro a outras, o leitor caminha” (VILLAÇA, 2002, p. 108). Segundo Lévy, o texto é repleto de vazios que estimulam o desdobrar de seus múltiplos sentidos. Diz o autor:

Tal é o trabalho da leitura: a partir de uma linearidade ou de uma platitude inicial, este ato de rasgar, de amarrotar, de torcer, de recosturar o texto para abrir um meio vivo no qual possa se desdobrar o sentido. O espaço do sentido não

preexiste à leitura. É ao percorrê-lo, ao cartografá-lo que o fabricamos, que o atualizamos. (LÉVY, 1996, p. 36)

A atualização é responder o que não estava previsto, é deslocar o leitor, que inclui sua subjetividade no ato de sua leitura, ou seja, o que se espera é que novos conhecimentos sejam adquiridos, que o leitor atualize o que foi lido. De acordo com Lévy:

(...) os leitores podem não apenas modificar as ligações, mas igualmente acrescentar ou modificar nós (textos, imagens etc.), conectar um hiperdocumento a outro e fazer assim de dois hipertextos separados um único documento, ou traçar ligações hipertextuais entre uma série de documentos. (LÉVY, 1996, p. 45 e 46).



Figura 5: Exemplos de hipertextos (p. 28 e 29)

Posto isso, podemos considerar que o leitor é quem definirá a ordem da leitura, como também os caminhos a serem seguidos, determinando sua interpretação e visão final do texto, o que poderá diferenciar-se da proposta sugerida pelo autor. Zilberman afirma que o texto é flexível: “A flexibilidade de cada texto decorre de sua habilidade em responder de modo distinto a cada leitor ou aos segmentos variados de público; decorre igualmente da propriedade de o destinatário intervir na obra” (ZILBERMAN, 2001, p. 91), ou

seja, é o leitor quem dá significado ao que foi lido, baseado nos conhecimentos de mundo que já possui. Desta forma, para Lévy:

Assim a escrita e a leitura trocam seus papéis. Todo aquele que participa da estruturação do hipertexto, do traçado pontilhado das possíveis dobras do sentido, já é um leitor. Simetricamente, quem atualiza um percurso ou manifesta este ou aquele aspecto da reserva documental contribui para a redação, conclui momentaneamente uma escrita interminável. As costuras e remissões, os caminhos de sentido originais que o leitor inventa, podem ser incorporados à estrutura mesma do corpus. A partir do hipertexto, toda leitura tornou-se um ato de escrita. (LÉVY, 1996, p. 46).

A partir dessas considerações, podemos concluir que a leitura de forma hipertextual não obedece a uma ordem. Cada leitor pode determinar o caminho a seguir, ou seja, dar saltos, produzindo uma leitura não-linear, criando seu próprio texto, que também poderá ser redefinido a todo instante. Segundo Lévy, “a partir do hipertexto, toda leitura tornou-se um ato de escrita” (LÉVY, 1996, p.46).

Considerações Finais

Este breve trabalho permitiu um novo olhar para o livro *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*, de Marcos Bagno, no qual a estrutura hipertextual apresenta-se como um novo caminho. A leitura passa a ser definida ao andar através de *links* que ligam passagens do livro a outras, enquanto o leitor caminha. E, não havendo “obrigatoriedade do linear”, é possível “o leitor libertar-se”. Os aspectos destacados nas páginas do livro analisado exigem a presença de um novo leitor. Não no sentido de alguém que decifra e interpreta apenas os recursos da escrita contidos no livro, ou seja, uma “leitura horizontal”, sem aprofundamento; mas de alguém que lida com as exigências que uma página de livro, a exemplo do de Bagno, pode oferecer ao seu leitor. Assim, o hipertexto aparece como a potencialização do texto, um novo processo de escrita/leitura que determina novas práticas de leitura, entrando em cena um novo leitor, capaz de criar e construir seu próprio texto. Nesse sentido, salienta Lévy:

Escutar, olhar, ler equivale finalmente a construir-se. Na abertura ao esforço de significação que vem do outro, trabalhando, esburacando, amarrotando, recortando o texto, incorporando-o em nós, destruindo-o, contribuímos para erigir a paisagem de sentido que nos habita. O texto serve aqui de vetor, de suporte ou de pretexto à atualização de nosso próprio espaço mental.

Confiemos às vezes alguns fragmentos do texto aos povos de signos que nomadizam dentro de nós. Essas insígnias, essas relíquias, esses fetiches ou esses oráculos nada têm a ver como as intenções do autor nem com a unidade semântica viva do texto, mas contribuem para criar, recriar e reatualizar o mundo de significações que somos. (LÉVY, 1996, p. 37).

Desta forma, foi possível notar as influências de elementos hipertextuais, tanto na escrita, quanto na leitura de um texto. A partir do contato com o livro de Bagno, o leitor se vê aguçado pelo interesse de descobrir novos “nós” e passa a agir como um detetive que busca informações e parte para novas leituras, passando a construir seu próprio texto, de forma atualizada e inovadora.

REFERÊNCIAS

- 1- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2012.
- 2- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Introdução: rizoma Em Mil platôs, capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2000. v. 1.
- 3- ECO, Umberto. **Seis passeios pelo bosque da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- 4- KOCH, Ingedore G. Villaça. Hipertexto e Construção do Sentido. **Alfa Revista de Linguística**, v. 51, n. 1, p. 23-38, 2007.
- 5- LÉVY, Pierre. **O que é o Virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.
- 6- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Cognição, Linguagem e Práticas Interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- 7- MARTINS, Analice de Oliveira; MOURA, Adriano Carlos. Babel: cinema hipertextual e processos de significação. In: **Conhecimento em processo: ensaios interdisciplinares sobre linguagem e cognição. Tempo Brasileiro**, 2011. (ISBN: 97885282-01628).
- 8- SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educ. Soc.**, dic. v. 23, n. 81, p. 143-160, 2002.

- 9- VILLAÇA, Nízia. **Impresso ou Eletrônico? Um trajeto de leitura.** Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- 10-ZILBERMAN, Regina. **Fim do Livro, Fim dos Leitores?** São Paulo: Senac, 2001.

